

«Utopias de médio alcance»

Para almejar a continuidade do género humano, é necessário, antes de tudo, optar por uma democracia progressiva que, sem abdicar da razão, combine justiça social e liberdade?

Desde o momento em que a civilização industrial soçobrou numa série de impasses, a enormidade do desafio ecológico passou a ser reconhecido de forma ?consensual?. Tanto o Norte como o Sul, não obstante as suas diferenças, foram postos diante de problemas comuns. Significa isto que existe um risco de barbárie cuja dimensão é global.

Trata-se de um risco que, sempre que se afirme as ?ilimitadas propriedades? do desenvolvimento, se tornará cada vez mais acentuado. Por outro lado, a mera apologia ao colapso da ideia de progresso com raízes assentes *no pensamento ilustrado*, não nos levará muito longe. O simples protesto (ecológico, antirazão), mesmo sendo um ? movimento? e compreenda outros movimentos, ainda assim falhará na percepção do caminho para uma mudança que não se limite a mentalidades e ideologias, mas que represente um instrumento político para dias melhores. Se nos é permitido atribuir uma nova matriz à noção de ?teorias de médio alcance?, de Robert Merton, podemos dizer que se trata de definir *um agir* em função de ?utopias de médio alcance?. Para almejar a continuidade do género humano, é necessário, antes de tudo, se fazer opção por uma *democracia progressiva* que, sem abdicar da razão, combine justiça social e liberdade. Em face de questões bem presentes, o olhar utópico ?em médio alcance?. Ou bem são construídos *mecanismos* e *instituições* com os quais o/a cidadão/dã possa se relacionar, nos vários níveis da sociedade, com a *res publica*, ou não serão superados, por exemplo, os impasses que coagulam a democracia representativa. Não podemos fugir da redefinição do escopo da política e de estendê-lo para muito além do Estado e dos partidos.

A não ser assim, estaremos sempre a vaguear em abstrações perante o cenário descortinado pelo mundo pós-industrial - abstrações que, se por uma parte, são importantes como momentos de dúvida ontológica, por outra parte, são insuficientes para dar conta do contexto em que o *ser* se encontra situado. O ?pessimismo angustiado?, a ansiedade existencial, as metamorfoses identitárias, etc., não são fenómenos que emergem do vazio. Não é pouco revelador que, já há algum tempo, estejamos a assistir, de forma acentuada, a manifestações dessa natureza. O estiolamento da civilização industrial não é apenas o colapso de ?algo material?, mas representa também o eclipse de um referencial indutor de subjectividades, onde o neoplatonismo galileano, ao produzir uma linguagem comum à visão da natureza e da prática social, apresenta-se como autêntica mutação no plano cognitivo, vector do programa pelo qual se pautará a criatividade. Foi assim que os impulsos mais fundamentais do ser humano, gerados pela necessidade de auto-identificar-se e situar-se no universo, e que são a matriz da actividade criadora ? a reflexão filosófica, a meditação mística, a invenção artística e a investigação científica - ,directa ou indirectamente, foram subordinados à especialização do cálculo quantitativo.

?Utopias de médio alcance?. Aqui o que importa é, frente aos desafios contemporâneos, definir *um agir* que se consubstancia como *um movimento*, criando novos espaços públicos, de modo que as pessoas e as entidades civis possam tomar parte nas decisões institucionais, o que significa negar tais decisões como ?colecção? de meras ? políticas sociais?, apoiadas por burocracias estatais animadas pela doutrina do partido detentor do poder. Contudo, ao contrário do que alguns pensam, o cenário onde este *agir* se move não se coaduna com a ideia de ?morte? da razão, donde seguir-se-ia uma fragmentação que, por não ter nenhum postulado de referência, nutre-se do relativismo céptico e, por vezes, estimula o cinismo político.

Se é verdade que a sensação de risco, de perplexidade e de incerteza são dimensões bem presentes no mundo actual, abalando crenças da *racionalidade ilustrada*, também não é menos verdadeiro que temos assistido a um ascendente entrelaçamento entre ciência, tecnologia e liberdade, forjando, como alguém já disse, uma ?nova racionalidade?. Esta ?nova racionalidade?, decerto, constitui-se num terreno fértil para as ?utopias de médio alcance?. Frente ao que *ainda não é*, as ?utopias de médio alcance?, diferente do refrão pessimista dos cépticos, contrapõem uma das divisas blochianas: *o ainda-não-ser* é a fonte das *possibilidades imanentes do ser* que ainda não foram manifestadas.